

Motivações e condições para a viagem de um naturalista na Amazônia: Henry Bates

Motivations and conditions for a naturalist's journey in the Amazon: Henry Bates

José Jerônimo de Alencar Alves¹

1. Universidade Federal do Pará. Professor, Pesquisador e Coordenador do Grupo de Filosofia e História da Ciência e Educação do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal do Pará

Resumo

O naturalista Henry Bates permaneceu onze anos realizando atividades científicas na região Amazônica. Para que ele concretizasse esse empreendimento, dois fatores são enfatizados pela historiografia: um, de ordem motivacional, refere-se ao acentuado interesse que ele nutria pela História Natural; outro, de ordem econômica, diz respeito ao contrato que assinou antes da viagem, por meio do qual receberia pagamento pelas espécies que enviasse à Europa. Essas afirmações decorrem de uma minuciosa leitura dos textos historiográficos que incluem a jornada do naturalista na Amazônia, entre os quais estão aqueles escritos por Henry Bates mesmo, sobretudo no livro de viagem, em que enfatiza as próprias impressões estéticas e sensíveis, e não apenas suas atividades científicas na região. A leitura desses escritos nos levou à seguinte questão: Teriam sido essa motivação e esse pagamento os únicos fatores que contribuíram para a longa temporada passada nessa região? Concluímos que essa permanência — condição necessária para as atividades científicas que ele realizou, conforme expressa nos próprios escritos —, além dos propósitos científicos, foi estimulada por sentimentos afetivos e valores estéticos relativos à natureza e favorecida pelo apoio da população local.

Palavras-chave

Henry Bates; História; Naturalista; Amazônia.

Abstract

Naturalist Henry Bates spent eleven years carrying out scientific activities in the Amazon region. In order for him to carry out this undertaking, two factors are emphasized by the historiography. One, of a motivational nature, refers to his strong interest in Natural History. Another, of an economic nature, concerns the contract he signed before the trip, for which he would receive payment for the species he sent to Europe. These statements resulted from a thorough reading of historiographical texts that include the naturalist's journey in the Amazon. Among these texts are those written by the naturalist himself, especially in the travel book, where he emphasizes his own aesthetic and sensitive impressions and not just the scientific activities related to this Region. Reading these writings led us to the following question: Was this motivation and payment the only factors that contributed to the long season spent in this Region? We conclude that this permanence – a necessary condition for the scientific activities he carried out, as expressed in his own writings – in addition to scientific purposes, was stimulated by affective feelings and aesthetic values related to nature and favored by the support of the local population.

Keywords

Henry Bates, History, Naturalist, Amazon.

Introdução

O naturalista Henry Bates (1825-1892), procedente da Inglaterra, passou grande parte de sua juventude, dos 23 aos 34 anos de idade, percorrendo rios, florestas e povoados da região Amazônica, onde permaneceu de 1848 a 1859. Isso significava para um europeu, como ele, conviver com uma natureza e uma população completamente diferenciada daquela de sua origem, uma natureza que ele descrevia como um espaço envolvido pela floresta: "A floresta primitiva cerca a cidade por todos os lados que dão para o interior, vendo-se as pitorescas chácaras espalhadas pelos seus arredores, semicultas pela vegetação" e, acrescentava, "a floresta, que cobre toda região, chega até as ruas da cidade, na verdade, a cidade foi construída

1.

As viagens, como diz Kury (2001, p. 865), eram importantes para que os naturalistas "transformassem a natureza em ciência".

2.

Conforme Ferreira (1990, p. 25), o diálogo científico entre Bates e Wallace começou antes da viagem que planejaram e realizaram, permanecendo inicialmente juntos: na chegada ao Pará, seguiram o curso do rio Tocantins. Ao retornarem, após o primeiro ano de viagem, separaram-se: o primeiro seguiu pelo rio Solimões e o segundo, pelo rio Negro.

numa clareira na mata" (BATES, 1979, p. 12 e p. 14). A cidade a que ele se refere era o espaço mais urbanizado da Amazônia, onde ele iniciou a viagem — e onde hoje se situam as ruas mais antigas da cidade de Belém —, que, conforme ele informa, naquele momento, possuía em torno de 1500 habitantes, constituídos por "gente cuja pele tinha todas as tonalidades, europeia, negra e indígena, mas era principalmente uma confusa mistura das três raças" (BATES, 1979, p. 12).

A natureza e a população, com as quais conviveu durante onze anos, foram objetos dos estudos científicos que ele realizou no campo da História Natural, inclusive os que o conduziram à teoria que lhe deu maior notoriedade, referente ao mimetismo dos insetos. Dois fatores têm sido assinalados, pelos historiadores, como determinantes para a realização dessa viagem: um de ordem motivacional e outro de ordem econômica.

Ferreira (1990, p. 17) assinala que a motivação de Bates para viajar pela Amazônia surgiu ainda na época em que era estudante, a partir do interesse pela História Natural, sobretudo no que se refere à Zoologia, que teria sido despertado tanto pelas leituras que ele realizou na biblioteca do *Mechanic's Institute*¹, quanto pelos diálogos com o naturalista Alfred Wallace, que o acompanhou na fase inicial da viagem². A motivação científica também é afirmada por Crawforth (2009, p. 5-18), ao registrar que as leituras de Humboldt, de Darwin e de outros naturalistas foram importantes para que Bates se interessasse pela História Natural e pela Amazônia, pois os naturalistas consideravam essa região propícia para realizar atividades científicas nesse campo do conhecimento.

Quanto ao fator econômico que teria possibilitado a realização da viagem, Stepan (2001, p. 32) refere-se ao contrato firmado, antes, por Bates e Wallace, também estudioso da História Natural, que planejou, viajou e o acompanhou na fase inicial da jornada pela Amazônia. Esse contrato teria sido decisivo para que ambos decidissem realizar esse empreendimento, pois estabelecia pagamento pelas espécies exóticas que enviassem à Europa.

Assim, a motivação científica e o contrato econômico assinado antes da viagem são dois fatores citados pelos historiadores como agentes que contribuíram para a jornada de Bates na Amazônia. Mas teriam sido os únicos?

3. Ricotta (2003, p. 16) enfatiza a dimensão estética na obra de Humboldt, destacando que essa era considerada importante pelo naturalista, que, além de "tirar deduções precisas do aspecto do céu", apreciava também a beleza de cenas naturais".

4. Como diz Leite (1994, p. 12): "As condições de viagens marítimas e terrestres, bem como o tipo de hospedagem encontrado, variaram através do século XIX, e nas diferentes províncias, como variaram os segmentos da população com que os viajantes entravam em contato. Essa variação também existiu na escolha dos ajudantes locais e dos tropeiros, nas condições de preservação e de acondicionamento do material coletado. Nem todos sofreram as interrupções nos subsídios e nas verbas para a viagem".

5. Agassiz (1975, p. 21) registrou no livro de viagem o reconhecimento do firme apoio econômico recebido para custear a expedição e o assentimento de que "semelhante fato jamais tenha ocorrido, jamais um naturalista tenha sido tratado com tamanha consideração".

Antes de responder a essa questão, condutora do presente artigo, é importante assinalar o que se tem dito sobre os fatores que motivaram e possibilitaram as viagens de outros naturalistas.

Conforme Pinheiro e Lopes (2003, p. 3), as viagens podiam ser motivadas pela curiosidade em conhecer terras exóticas, pelo desejo de aventura e, ainda, em se tratando de naturalistas, por serem importantes para a consolidação profissional. A motivação proveniente de fatores estéticos também é assinalada, sendo apontada por Kury (2001) e Ricotta (2003), em relação às viagens do naturalista Alexander von Humboldt³, e por Alves (2011), em relação à viagem do naturalista Alfred Wallace à Amazônia. Para Bates, a obra de Humboldt foi importante referência e Wallace foi interlocutor e companheiro, na fase inicial da viagem pela Amazônia. Isso nos leva a indagar: teria a jornada de Henry Bates sido motivada por fatores estéticos?

Antes de analisar essa questão, consideremos o que diz a historiografia sobre recursos econômicos recebidos por outros naturalistas. Tomemos, por exemplo, os relatos de Vanzolini (1996) relacionados à viagem de Louis Agassiz à Amazônia⁴, chefiando a Expedição Thayer⁵, que partiu dos Estados Unidos em agosto de 1865 e regressou em março de 1866. Essa expedição, além de ser financiada pelo milionário Nathaniel Thayer desde sua saída, nos Estados Unidos, contou, no Brasil, com o apoio decisivo do Imperador D. Pedro II. A esse respeito, Vanzolini (1996, p. 229), referindo-se à época desse acontecimento, assim expressa: "A meu ver nunca zoólogo algum teve as condições de trabalho de que gozou Agassiz". Por outro lado, Gualtieri (2005, p. 105) e Sanjad (2009, p. 39) referem-se ao naturalista Emilio Goeldi, assinalando que ele foi para a Amazônia contratado para dirigir o Museu Paraense, de 1894 a 1907. Informam que o apoio econômico, proveniente do governo do Estado, possibilitou o contrato de outros pesquisadores e a ampliação do Museu, que passou a ser bem maior na gestão de Goeldi do que anteriormente, quando foi dirigido por Ferreira Pena, período em que, por falta de apoio político e econômico, o Museu chegou a ser fechado.

O contrato assinado por Bates, antes de viajar para a Amazônia, estabelecia que ele receberia pagamento

pelo envio de espécies exóticas à Europa, e não pela realização de atividades científicas, e tal pagamento era muito menor do que os recursos econômicos recebidos pelos dois naturalistas anteriormente citados. Isso nos leva a indagar: teriam sido as condições materiais que possibilitaram a permanência de Bates na Amazônia provenientes apenas dos recursos econômicos estabelecidos nesse contrato, assinado antes da viagem, ou ele teria recebido apoio material local, mesmo que informal?

Indagaremos, em primeiro lugar, sobre as motivações que, além da científica, podem ter contribuído para a longa jornada que Bates realizou na região e, a seguir, sobre o apoio que ele pode ter recebido da população local. Em síntese, trata-se de investigar os fatores que podem ter contribuído para a longa permanência de Bates na Amazônia, condição necessária para as atividades científicas que realizou na região.

Motivações

Para compreender os fatores motivacionais que influenciaram a jornada de Bates pela Amazônia, veremos, em primeiro lugar, como as regiões tropicais eram percebidas no contexto social em que ele viveu, antes da viagem. Conforme Sevckenko (1996, p. 110), os europeus percebiam as regiões tropicais tanto como um espaço a colonizar, dominar e explorar, quanto um objeto de contemplação e deleite. Por outro lado, Stepan (2001, p. 31-32) também se refere ao anseio europeu de estender os domínios coloniais e de explorar as plantas, os animais e outros produtos tropicais pelo valor econômico, assim como pelas dimensões estética e científica. Ela acrescenta que, entre 1840 e 1860, esse interesse pela Amazônia acentuou-se. Animais, plantas e outros elementos originários das regiões tropicais povoavam os herbários, jardins botânicos e museus europeus. Eram solicitados como objeto de estudo científico e, ao mesmo tempo, de curiosidade popular e entretenimento. Stepan afirma, ainda, que esse interesse é atestado pela presença de Alfred Russel Wallace, Louis Agassiz, Richard Spruce, W. H. Edwards, William Herndon e o Príncipe Adalbert, além da presença de Henry Bates.

6.
Essas impressões estão situadas no livro de Edwards (1847, p. 12), no prefácio. Entretanto, não sabemos se esse prefácio foi escrito pelo próprio naturalista ou pelo editor. De qualquer modo, ele indica o objetivo dos escritos.

Essa curiosidade, entretanto, é bem mais antiga. Ventura (1991, p. 17-43) mostra que ela remonta ao início da colonização do Brasil. A imagem paradisíaca que chegou a ser concebida pelos primeiros viajantes, sobre os trópicos, conforme ele assinala, foi invertida, posteriormente, pelos filósofos iluministas, como Montesquieu e Buffon, que chegaram a afirmar que os habitantes dessas regiões degeneravam pela ação do clima e, assim, tornavam-se propensos à escravidão, à poligamia e a permanecer no estado selvagem. Ventura acrescenta que, depois, as imagens tropicais tornaram-se mais positivas nos relatos de alguns naturalistas, como Alexander von Humboldt.

A Amazônia era uma região tropical que estimulava a curiosidade, no contexto em que Bates viveu, mas não era a única. Que motivações teriam feito Henry Bates escolher essa região, e não outra, para a longa viagem que consolidou suas atividades como naturalista? Sobre essa interrogação, Ferreira (1990, p. 23) apresenta uma suposição: "parece que a decisão foi tomada após a leitura do livro *A Voyage up the Amazon River*, publicado em 1847, por Edwards Willian, sobre a viagem que fez à Amazônia". Podemos acrescentar que essa motivação foi afirmada categoricamente por Alfred Wallace, naturalista que planejou e realizou com Bates a viagem para a Amazônia.

Minha atenção dirigiu-se para o Estado do Pará e o rio Amazonas por influência do opúsculo de Mr. Edwards intitulado, A Voyage up the Amazon. Decidi-me, então, partir para lá, não só em virtude da facilidade de acesso, como também pelo pequeno conhecimento que se tinha desta região, comparado com o que se sabia da maioria das outras áreas sul-americanas. (WALLACE, 1979, p. 11).

Essa publicação era dirigida ao público mais amplo do que o estritamente científico, pois o autor informa, no prefácio do livro, que ele deve servir de motivação para as viagens dos "amantes e adoradores da natureza, embora pretenda que não seja ignorado pelos naturalistas"⁶. Coerente com esse propósito, ele enfatiza o sentimento que experimentou diante da natureza amazônica, que chega a ser apresentada como exuberante, pródiga, uma das mais saudáveis da Terra e, até mesmo, como o "jardim do mundo".

O interesse do naturalista Henry Bates pela Amazônia, portanto, fazia parte do contexto europeu, em que ele viveu. O aumento do número de publicações e de herbários estimulados pela curiosidade popular atestam esse interesse. As publicações dirigidas ao público mais amplo, como os *livros de viagem* escritos pelos naturalistas, eram plenos de descrições pitorescas sobre a natureza tropical, assim como de informações científicas. Impressões pitorescas, sensíveis, estéticas e científicas mesclavam-se nessas obras. Como já visto, essa mescla é acentuada na obra de Alexander von Humboldt, que foi uma das principais referências para as atividades científicas do naturalista Henry Bates, o que é mais um motivo para indagarmos: teriam as impressões sensíveis e estéticas, além das científicas, motivado e contribuído para a longa permanência do naturalista na Amazônia?

Para responder à questão, o livro de viagem intitulado *Um naturalista no rio Amazonas*, publicado por Bates, foi um dos mais férteis, pois, nele, as representações científicas e sensíveis aparecem lado a lado, permitindo compreender melhor as motivações que, mesmo não sendo consideradas científicas, contribuíram para que ele permanecesse na Amazônia, condição determinante para as atividades científicas que, nela, realizou. Para isso, analisaremos, sobretudo, os escritos do naturalista sobre os sentimentos e as impressões que experimentou em relação à natureza local e, a seguir, sobre os hábitos e costumes da população.

As primeiras impressões de Bates, ao aportar na Amazônia, não corresponderam plenamente às imagens e às expectativas que ele alimentara por meio das leituras e de outras representações que circulavam na Europa. A fauna que se descortinava diante de seus olhos não parecia tão numerosa, grandiosa e bela como nas imagens que, aprendidas anteriormente, esperava encontrar.

O número e a beleza dos pássaros e insetos não corresponderam, no princípio, às nossas expectativas. A maior parte dos pássaros que vimos era de pequeno tamanho e de plumagem pouco vistosa, de fato seu aspecto, de um modo geral, se assemelhava aos que encontrávamos na Inglaterra. (BATES, 1979, p. 15).

7.

Esse desapontamento inicial gerado pela contradição entre as imagens fantásticas preconcebidas sobre a Amazônia e as devidas ao contato direto com essa região é expresso por outros viajantes, como o naturalista Alfred Wallace, como mostramos em trabalho de 2011 (ALVES, 2011, p. 779), e Euclides da Cunha, como mostra Santana (2005, p. 57).

A decepção inicial em relação à fauna da região é confirmada, ainda, pela afirmação que segue: "Ficamos decepcionados, também, por não ter visto nenhum animal de grande porte na floresta: não chegamos a ouvir nenhum tropel, nem nenhum sinal de vida. Não vimos macacos e nenhuma onça ou anta cruzou o nosso caminho" (BATES, 1979, p. 36).

Essas primeiras impressões sobre a fauna amazônica, entretanto, foram abandonadas⁷ à medida que ele percorreu inúmeros povoados encravados no interior da selva e passou a admitir que a decepção inicial estava relacionada com a imagem preconcebida de uma Amazônia densa de animais exuberantes, exóticos e visíveis imediatamente, em toda parte, pelos recém-chegados.

Posteriormente encontrei razões para modificar minha opinião baseada nas primeiras impressões, quanto ao número e variedade de animais existentes nessa parte e em outras regiões da selva Amazônica. Com efeito, há na floresta uma variedade enorme de mamíferos, aves e répteis, mas eles se encontram espalhados e todos demonstram muito receio ao homem. A região é tão vasta e a sua cobertura vegetal tão uniforme, que só a longos intervalos, nos lugares que se mostram particularmente mais atraentes do que outros, os animais são vistos em grande número. (BATES, 1979, p. 36).

As imagens de Bates sobre a natureza amazônica foram se tornando cada vez mais positivas, como se pode ver pelas suas impressões. Após passar cinco meses na região, na província denominada São Paulo de Olivença, ele afirma: "cinco anos não seriam suficientes para explorar os tesouros que havia nos seus arredores, no campo da Zoologia e da Botânica" (BATES, 1979, p. 291). Em relação aos arredores do povoado de Ega (hoje, município de Tefé), ele assinalava que "constituíam um campo excelente para o pesquisador em História Natural" e que "a enorme quantidade de novas espécies encontrada pelos naturalistas, nesse povoado, mostrava que ali havia material inesgotável para os estudos dos seres vivos", pois ele advertia que, além dessas descobertas, havia outros itens de maior importância nesse estudo: "a estrutura, hábitos, instintos e distribuição geográfica das mais antigas formas de vida fornecem material inesgotável para as reflexões" (BATES, 1979, p. 257).

Os constituintes da natureza amazônica foram descritos conforme as espécies, as famílias, os hábitos, a distribuição geográfica e outras características básicas das ciências integrantes da História Natural. Eles também foram descritos pela dimensão estética, como se pode constatar na composição em que beija-flores chegam a ser identificados como entidades poéticas:

Há mais profusão de beija-flores nos laranjais e pomares das redondezas, mas só distingui três espécies. Certo dia, vi um minúsculo espécime pertencente ao gênero Phaethornis, tomando banho num regato; estava empoleirado num fino ramo cuja ponta se enfiava dentro da água. [...] Ao observá-lo, percebi que os poetas não precisavam inventar elfos e gnomos uma vez que a natureza colocava ao alcance de nossas mãos tão minúsculos e maravilhosos seres. (BATES, 1979, p. 72).

Os sentimentos experimentados diante das paisagens amazônicas também costumam ser explícitos nos relatos do naturalista. A paisagem descrita a seguir teria proporcionado os sentimentos mais agradáveis registrados pela própria memória até então. Por esse motivo, apesar da extensão, vale a pena transcrevê-la.

Ao meio-dia, o sol a pino consegue penetrar nos sombrios recessos desse romântico recanto iluminando as verdejantes ribanceiras do regato e a areia clara de suas margens, onde numerosos tangarás escarlates, verdes e negros misturados com borboletas de vistosas cores, se banham em seus furtivos raios. Riachos cristalinos, pequenos e grandes, cortam essa soberba mata em quase todos os sentidos e ao passearmos por ela encontramos, a todo o momento, filetes de água e nascentes borbulhantes, tão bem providas de umidade é a região. Alguns regatos fluem sobre leitos formados de areia e de seixos, com margens sempre cobertas pela mais exuberante vegetação que se possa imaginar. Eu tinha o hábito quase diário, em meus solitários passeios, de descansar nas margens dessas céleres correntes e me banhar durante uma hora nas suas águas refrescantes. Esses momentos ficaram na minha memória como os mais agradáveis da minha vida. (BATES, I, 1979, p. 291-2).

8.

O determinismo climático tem sido alvo de especulação científico-filosófica pelo menos desde o século XVIII. Esse tema é analisado por vários autores, inclusive por Ventura (1991), cujas considerações sobre ele, em *Estilo tropical*, foram bastante úteis para nós, que, posteriormente, escrevemos sobre o assunto, mais especificamente, analisando as impressões de Bates e Wallace sobre o clima da Amazônia (ALVES, 2008, p. 37-50).

A Amazônia, assim, seria repleta de paisagens que despertam sentimentos de deleite e prazer. As descrições que expressam esses sentimentos são predominantes, mas não absolutas, pois, em algumas passagens, Bates admite experimentar sentimentos de solidão e melancolia.

Poucas lembranças de meus passeios pela Amazônia são mais vívidas e agradáveis do que o da minha caminhada por aquele alvo mar de areia, na frescura da manhã [...]. O prazer que a pessoa sente em caminhar por esses grandes espaços abertos é, sem dúvida, acentuado pela novidade do cenário, muito diferente da monótona paisagem da floresta eternamente presente em qualquer outra parte. (BATES, 1979, p. 232).

Expressões sensíveis, além de informações objetivas, também se observam nas descrições sobre o clima. Um sentimento de agradável surpresa é manifesto por Bates em resposta a uma questão que permanecia em vigor na ciência dos naturalistas: seria o clima das regiões tropicais um agente de degeneração dos seus habitantes? ⁸

Ficamos agradavelmente surpreendidos ao verificarmos que não havia risco em ficar a pessoa exposta ao ar da noite, nem em morar em terrenos pantanosos. Alguns ingleses, estabelecidos ali há 20 ou 30 anos, pareciam tão corados e saudáveis como se nunca tivessem deixado sua terra natal. As mulheres nativas pareciam conservar sua boa aparência e robustez mesmo quando já haviam deixado de ser jovem. (BATES, 1979, p. 23).

Embora, às vezes, ele expresse desprazer em relação aos momentos de elevadas temperaturas, são as impressões de um clima aprazível que predominam. Na descrição que segue, tem-se a sensação que lhe causa o clima da região, que ele enfatiza e chega a considerar como um dos mais privilegiados da Terra.

A temperatura é amena, o permanente frescor da vegetação, a frescura da estação da seca, quando o calor do sol é abrandado pelas fortes brisas marinhas, bem como a moderação das chuvas periódicas, tornam o seu clima um dos mais privilegiados da terra. (BATES, 1971, p. 23).

Até aqui, analisamos as representações de Bates sobre a natureza amazônica e vimos que tanto as que pretenderam ser descrições objetivas como as que expressaram imagens e sentimentos estéticos, sobre a natureza, estão presentes nas impressões do naturalista de modo mais positivo do que negativo. A seguir, indagaremos a recepção do naturalista pela população local, conforme ele mesmo descreve: teria ele considerado a população receptiva à sua permanência na região? Teria recebido apoio material e econômico, mesmo que informal?

Recepção e apoio material

Bates informa que comerciantes, militares, homens do governo e a elite dos inúmeros povoados que ele percorreu na Amazônia colocavam à sua disposição moradia, alimentação e serviços. Essa recepção, portanto, criava condições favoráveis para que ele permanecesse na região, como reconhece Bates ao descrever que, ao aportar no Pará, o consignatário do navio "nos convidou para ficar em sua casa, até arranjarmos alojamento", e acrescentar que permaneceu nessa residência até se mudar para outra, que conseguiu por meio de um "ilustre habitante do lugar" (BATES, 1979, p. 12).

Fui recebido pelo Dr. Ângelo com a habitual delicadeza com que acolhia todos os visitantes. Providenciou para mim, sem que nada lhe pedisse, uma encantadora chácara, onde eu poderia ficar alojado sem pagar aluguel e contratou um mulato para me servir de criado. (BATES, 1979, p. 70).

Ele assinala que recebeu favores da população, nos mais diversos lugarejos e em todo o percurso. Em Óbidos, ele obteve transporte, em uma embarcação, que foi parando em diversos lugarejos ao longo do rio Negro, o que teria sido vantajoso para suas pesquisas.

As escalas seriam proveitosas, pois enquanto o dono do barco fosse cuidar de seus negócios eu exploraria as matas vizinhas, obtendo, assim, uma noção geral do que podia ser encontrado em diversos trechos do rio, o que não poderia fazer numa viagem direta. (BATES, 1979, p. 109).

Além de fornecer transporte, afirma Bates (1979, p. 109): "o comerciante procurou proporcionar a mim todo conforto que as circunstâncias permitiram", fornecendo "comida e bebida, com fartura". Ao chegar a Ega, os favores foram acompanhados de homenagens: "quando desembarcamos, o proprietário do barco mandou matar um boi em nossa honra e, no dia seguinte, me apresentou aos mais importantes habitantes do povoado" (BATES, 1979, p. 201).

Os favores, que ele reconhece ter recebido, vinham não só dos mais bem situados economicamente, mas também eram provenientes de outros segmentos da população, inclusive indígena, como se pode ver nesta passagem, em que fala de uma visita aos índios Passés.

Nossos generosos hospedeiros nos encheram de presentes e mal havia lugar no barco onde nos sentarmos, pois tinham mandado colocar dentro dele, grandes feixes de cana, quatro cestos de farinha, três tábuas de cedro, um pequeno cesto de café e dois pesados cachos de banana. Quando já tínhamos embarcado, a velha senhora veio trazer-me um presente de despedida, uma grande tigela de fumegante mingau de banana. (BATES, 1979, p. 229).

A condição de estrangeiro, conforme admite Bates (1979, p. 110), favoreceu a recepção por parte da população local, já que afirma: "fomos recebidos gentilmente", e acrescenta: "como sempre acontece quando chega um forasteiro a esses lugares isolados, mostrando-se seus moradores, invariavelmente, corteses e hospitaleiros". Essa recepção também se refere aos povos indígenas:

Quando os índios se mostram hostis com os brancos é quase certo que deve haver alguma provocação por parte destes, pois a verdade é que o primeiro impulso do índio brasileiro é respeitar o europeu [...] quando eles são visitados por estrangeiros eles o recebem com toda a hospitalidade. (BATES, 1979, p. 125).

A hospitalidade que Bates atribui à população não significa que as representações que ele faz sobre ela sejam sempre positivas, como veremos no modo como ele responde a duas questões que ainda permaneciam

em evidência na ordem dos conhecimentos científicos da época: teria a população das regiões tropicais indisposição para o trabalho? Seria capaz de aprendizagem? Ele admite essa indisposição, que costumava ser atribuída a um "determinismo climático", mas os motivos que apresenta são, de certo modo, contraditórios: admite, por um lado, que essa "natureza indolente" se deve à constituição do próprio nativo, mas, por outro, que ela é uma resposta à prosperidade da região, onde "reina completo verão e as necessidades da vida cotidiana são obtidas com tanta facilidade" (BATES, 1979, p. 69). Em algumas passagens elaboradas a partir de observações diretas sobre a vida dos nativos, estes são descritos, inclusive, como seres laboriosos. Ele afirma, por exemplo: "é inegável que as mulheres índias e mestiças são excelentes administradoras, mostram-se mais industriosas que os homens, a maioria delas fabrica farinha e a vende por conta própria" (BATES, 1979, p. 172).

O julgamento sobre a curiosidade intelectual dos nativos também é contraditório. Embora tenha observado essa capacidade no comportamento dos nativos ao relatar que eles "mostraram interesse pelo meu trabalho e, nas minhas incursões pelas matas, eu era sempre acompanhado pelos rapazes do lugar" (BATES, 1979, p. 127) e que, ao mostrar a obra de Knight, *Pictorial Museum of Animated Nature*, a uma tribo, foi cercado pela curiosidade de um bando de mulheres e crianças, afirma: "uma curiosidade pouco comum entre os índios". A capacidade de compreensão do universo pelos nativos também é alvo de descrédito: ao comentar a cosmogonia de uma tribo, segundo a qual a Terra gira ao redor do Sol, sendo esse compreendido como um corpo fixo no espaço, acrescenta que essa ideia era muito avançada para ser criada pelos nativos, que, portanto, deviam tê-la aprendido com algum viajante ou missionário jesuíta (ATES, 1979, p. 180).

A contradição na descrição dos nativos – ora como curiosos e laboriosos, ora como indiferentes e preguiçosos –, assim como a descrença na capacidade intelectual deles, mesmo quando algumas evidências parecem afirmá-la, denunciam as contradições entre as teorias aprendidas anteriormente, no contexto europeu, e a observação direta da população amazônica.

NOTAS FINAIS

Iniciamos esta análise afirmando que, nas memórias sobre o naturalista Henry Bates, dois fatores são mencionados como determinantes para que ele decidisse viajar pela Amazônia: o interesse científico pela História Natural, surgido desde o tempo em que ele ainda era estudante, na Inglaterra, e o contrato assinado antes da viagem, pelo qual ele receberia pagamento pelas espécies que enviasse à Europa. Entretanto, conforme as impressões que ele registou sobre a jornada na Amazônia, concluímos que outros fatores favoreceram esse empreendimento: a receptividade da população da região e, mais que isso, o sentimento afetivo e estético em relação à natureza local.

A recepção foi acompanhada de favores como transporte, moradia e alimentação, oferecidos por pessoas da região e que, embora não tenham sido provenientes de nenhum contrato formal, contribuíram para que Bates permanecesse na Amazônia, inclusive porque o pagamento que ele recebia, por meio do contrato assinado na Europa, não era regular, dependia das espécies que conseguisse enviar para lá, envio esse que enfrentava dificuldades, sobretudo no que se refere ao transporte. Entretanto, as impressões que ele expressou sobre os nativos não são sempre positivas e apresentam contradições.

Os nativos são descritos por Bates, por um lado, como seres pacíficos, livres e hospitaleiros, mas, por outro, são representados, também, como avessos ao trabalho, indiferentes à aprendizagem e vulneráveis aos vícios da civilização. Portanto, há representações positivas, mas também negativas. Nos escritos que seguem, publicados após regressar à Europa, comparando a vida dos nativos com a "vida civilizada", é esta última que ele considera "superior".

[...] verifico como é incomparavelmente superior, a vida civilizada, em que as emoções, os gostos e o intelecto encontram condições de nutrir-se fartamente, quando comparada com a esterilidade espiritual de uma existência semi-selvagem, ainda que vivida no Jardim de Éden. (BATES, 1979, p. 298).

No que se refere à natureza amazônica, todavia, essa avaliação se inverte. Ela é considerada bem mais convidativa do que a de origem do naturalista. Além de fecunda para a realização de atividades científicas no campo da História Natural, é considerada plena de paisagens convidativas ao deleite estético e, mais do que isso, propícia para se viver, chegando a ser enaltecida como o lugar em que se observa o "perfeito equilíbrio do Universo".

Para viver neste melancólico ambiente, eu estava deixando um país onde o verão era perpétuo, onde eu tinha vivido à maneira dos ciganos, como três quartos de seu povo, velejando por seus infindáveis rios ou percorrendo suas florestas sem fim. Estava deixando o equador, onde as forças da Natureza, em perfeito equilíbrio, mantinham um solo e um clima que pareciam exemplificar a ordem e o equilíbrio do Universo. (BATES, 1979, p. 298).

Portanto, os escritos do naturalista Henry Bates expressam motivações que não se reduzem àquelas relacionadas com o interesse científico, como podemos ver por essas representações entusiasmadas e até idílicas da natureza amazônica e, também, pelas inúmeras expressões de prazer, deleite e harmonia diante de uma natureza descrita como pródiga, aprazível e harmoniosa.

Essas descrições sobre a natureza amazônica encontram ressonância no contexto histórico da época, ou melhor, no contexto em que Bates foi educado, pois, como visto, nele, o interesse pela História Natural e pela Amazônia ia além do meio científico. A curiosidade pela natureza tropical era manifestada pela população mais ampla, ávida, sobretudo, por imagens pitorescas e exóticas da natureza. Os escritos do naturalista procuravam atender tanto a esses interesses como aos do meio científico, pois traziam imagens pitorescas e estéticas sobre a Amazônia, além de teorias, como a do mimetismo dos insetos, que lhe deu notoriedade.

Referências bibliográficas

- AGASSIZ, L. **Viagem ao Brasil** (1865-1866). Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.
- ALVES, J. J. A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 775-788, 2011.
- ALVES, J. J. Determinismo climático e salubridade amazônica na percepção de Bates e Wallace. **Cadernos de História da Ciência**, v. 4, n. 2, p. 37-49, 2008.
- BATES, H. W. Notes on coleopteros insects frequenting damping places. **Zoologist**, [S. l.], n. 1, p. 144-155, 1843.
- BATES, H. W. **Um naturalista no rio Amazonas**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1979.
- CRAWFORTH, A. **The Butterfly Hunter: The life of Henry Walter Bates**. United Kingdom: University Buckingham Press, 2009.
- EDWARDS, W. **A voyage up the River Amazon: including a residence at Pará**. New York: Cornell University, 1847.
- FERREIRA, R. **Bates, Darwin, Wallace e a Teoria da Evolução**. Brasília/São Paulo: UnB/Edusp, 1990.
- GUALTIERI, R. C. A Amazônia sob olhares evolucionistas: a ciência no Museu Paraense (1894-1914). In: ALVES, J. J. (org.). **Múltiplas faces da História das Ciências na Amazônia**. Belém: Edufpa, 2005, p. 103-134.
- KURY, L. Entre a utopia e o pragmatismo: a História Natural no Iluminismo tardio. In: SOARES, L. C. (org.). **Da Revolução Científica à Big (Business) Science**. São Paulo/Niterói: Hucitec/Eduff, 2000, p. 105-154.
- KURY, L. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. VIII (suplemento), p. 863-880, 2001.
- LEITE, M. L. Naturalistas viajantes. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 7-19, 1994.

- PINHEIRO, R.; LOPES, M. M. Aspectos das produções textuais nas viagens dos naturalistas. **Triplov.com**, 2003.
- RICOTTA, L. **Natureza, ciência e estética em Alexander von Humboldt**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SANJAD, N. **Emilio Goeldi (1859-1917): a ventura de um naturalista entre a Europa e o Brasil**. Rio de Janeiro: EMC, 2009.
- SANTANA, J. C. Euclides da Cunha, as ciências naturais e a busca do paraíso perdido. In: ALVES, J. J. (org.). **Múltiplas faces da História das Ciências na Amazônia**. Belém: Edufpa, 2005, p. 135-151.
- SEVCENKO, N. O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura. **Revista USP**, São Paulo, n. 30, p. 108-119, 1996.
- STEPAN, N. L. **Picturing Tropical Nature**. London: Reaktion Books. 2001.
- VANZOLINI, P. E. A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 30, p. 190-238, 1996.
- VENTURA, R. **Estilo tropical**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- WALLACE, A. R. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.